

humanitas



Vol. LXIII
2011

A.A. V.V., *L'Opera di Giuseppe Scarpat. 1920-2008*, Brescia, Paideia Editrice, 2010.

Na incessante luta contra o inevitável labor das Parcas, a memória da obra feita glorifica o homem, elevando-o e notabilizando-o. Tanto mais dignificante cada caso se torna, quanto, cortado já o fio da vida, são os discípulos que se propõem legar aos pósteros o seu testemunho acerca do Mestre, um homem de excepção a todos os níveis. É o que acontece com o singelo volume de homenagem ao eminente Professor Giuseppe Scarpat, que faleceu em 2008, aos 88 anos de idade, tendo-se distinguido na comunidade académica sobretudo na área dos Estudos Clássicos e da Música, além de ter sido um notável dinamizador no âmbito das iniciativas editoriais. O livro é, pois, composto por três textos, uma nota biográfica e a bibliografia da produção escrita deste eminente classicista.

O primeiro texto, assinado por Giuseppe Gilberto Biondi e intitulado “Giuseppe Scarpat in università”, é o depoimento de um discípulo que com ele conviveu no ambiente académico. Apresenta-se sob a forma de um testemunho simultaneamente centrado na actividade docente e de investigação, mas também fundado num contacto continuado, alicerçado em valores, como a profunda admiração mútua, o respeito e a amizade. Recua o autor aos tempos em que Scarpat era apenas um nome conhecido especialmente como autor de alguns títulos incontornáveis de estudos clássicos e director da revista *Paideia*, enquanto ele não passava de um jovem em início de carreira. Delineia-se, então, o modo como os primeiros contactos se estabeleceram, como lhe foram atribuídas as primeiras tarefas e como, gradualmente, os mesmos projectos os foram envolvendo e aproximando. Através da maneira como essa convivência se desenrolou, constrói-se o retrato de Scarpat enquanto homem dotado de um inusitado vitalismo intelectual e existencial, dedicado à investigação, à didáctica e às iniciativas editoriais, como ainda ao culto da música, não só como estudioso, mas também na qualidade de intérprete. Comungando dos mesmos interesses e paixões, rapidamente esse contacto se transformou num verdadeiro

magistério científico e intelectual, muito embora o Mestre sempre assumisse uma atitude sóbria e de humildade, não obstante a profundidade e amplidão dos seus conhecimentos. Por outro lado, a crescente admiração do discípulo ficava assombrada com a vulcânica produção intelectual do Mestre, a par da grande disponibilidade evidenciada na capacidade de escutar quem o procurava. Seria essa vertente, porventura, que fundamentava a sua faceta humanista, associada a uma perspectiva teológica peculiar: antidogmática, audaz e livre, muito ligada à exegese da Palavra. Dotado de uma personalidade forte, livre, corajosa e sincera, não se eximia a cultivar fortes afectos. Prova-o o autor com o testemunho de um episódio de algum modo peculiar, quando Giuseppe Scarpat o designou seu sucessor na direcção da revista *Paideia*, que, para ele, era objecto de singular dedicação e entrega, devoção essa que tão bem lhe soube transmitir.

O segundo testemunho é da responsabilidade de Antonio Zani, Professor da Faculdade de Teologia da Itália Setentrional, que delineia o perfil de Giuseppe Scarpat como editor. Aborda de imediato o nascimento da revista *Paideia* e, simultaneamente, da editora, com base nas revelações de Vittore Pisani, ao tempo Professor Catedrático de Glotologia na Universidade Estatal de Milão, assim como na Universidade Católica, e que acentua a necessidade sentida por ambos em se criar uma revista de ‘larga informação’. Não sem alguma angústia, para que a revista pudesse continuar depois de os seus fundadores se terem eclipsado, a maior das preocupações foi, sem dúvida, a criação de condições para que tal objectivo se concretizasse. Deste modo, tornaram-se fundamentos determinantes sobre os quais a revista se norteou, e continua a nortear, a probidade científica e humana, a par da vastidão e do rigor de informação, inseridos num contexto de colaboração com os melhores cultores das *humanæ litteræ*, livres de confessionalismos de qualquer natureza, apenas regidos por critérios de objectividade, rigor e honestidade científica. Por outro lado, pretendeu-se que a revista visasse um público interessado em matérias de competência linguístico-filológica, articuladas com uma rigorosa investigação da *Altertumswissenschaft*, os estudos da Antiguidade Clássica, não excluindo ainda uma apaixonada e precisa abordagem da literatura hebraica e cristã. Neste contexto, abordam-se também as circunstâncias que levaram Scarpat a tornar-se consultor da editora Morcelliana. Nesta casa editora, o eminente especialista em cultura bíblica e religiosa concebeu e tornou-se o director responsável por um periódico trimestral de informação bibliográfica de igual nome, *La Morcelliana*. E, nesse ambiente, amadureceu a ideia de

lançar a edição italiana do *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, agora com o título de *Grande Lessico del Nuovo Testamento* (1963-1992), tarefa que não só realizou em colaboração com Felice Montagnini, como também se tornou determinante para a consolidação da publicação de *Paideia*. Associando-a a colaboradores da área das disciplinas bíblicas e teológicas, numa abordagem, de extracção alemã, com uma rara sensibilidade perante a vertente linguística do texto bíblico, mas enriquecida com instrumentos e contributos inovadores, o Director da revista visava um público cada vez mais alargado, não só da área da teologia, mas igualmente de filologia grega e semítica, filosofia, história comparada das religiões ou história da Igreja, entre outros âmbitos. Na sequência desta grande obra, outros títulos se seguiram, como suplemento, entre os quais a *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, de Friedrich Blass e Albert Debrunner; o *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*, de Horst Balz e Gerhard Scheiner; o *Grande Lessico dell'Antico Testamento*, organizado por Johannes Botterwck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry; ou, já mais tardiamente, o *Commentario teologico del Nuovo Testamento*. Foram, pois, anos de aventura, risco e coragem, traduzidos numa constante obstinação e uma visão de longo alcance.

Depois o voo tornou-se mais arrojado e a editora Paideia assumiu a publicação de outras três revistas: a partir de 1962, a *Revista Bíblica*, já existente desde 1953, dirigida aos cultores das disciplinas bíblicas e orientalistas, embora incluía também uma parte de carácter divulgativo-pastoral; também a partir de 1962 e até 1971, *Parole di Vita*, fundada em 1956, ao serviço do apostolado bíblico, mas inserindo contributos substanciais de exegese e teologia bíblica; e *Diakronia. Rivista internazionale di teologia pratica*, um dos periódicos pastorais mais qualificados, que perdurará em Itália até 1970.

Nessa dinâmica, são apontados alguns dos estudos que passariam a tornar-se incontornáveis, integrados nas colecções que Paideia edita: “Studi grammaticalli e linguistici”; “Biblioteca di Paideia”; “Biblioteca di Studi Classici”, depois complementada com as colecções “Antichità Classica e Cristiana” e “Testi Classici”. Em paralelo, as publicações de carácter teológico e exegetico são reunidas nas colecções “Biblioteca teologica” e “Biblioteca di cultura religiosa”, que, se bem que contenham títulos de muitos autores italianos de renome, propõem-se também dar vazão à exegese protestante de origem alemã; outras ainda, como “Studi biblici”, que ostenta mais de 160 títulos, na maioria de autores italianos, e “Biblica”,

orientada para a edição filológica de textos bíblicos, com tradução, notas explicativas e comentário, tornam-se sinónimo de sucesso editorial. Mais com um pendor historiográfico, depois de 1986, numerosos são também os volumes agrupados na colecção “Biblioteca di storia e storiografia dei tempi biblici” e a seguir, nos anos ’90, outras séries continuam a aparecer para escoar a produção científica das áreas em causa, dos estudos clássicos, à filologia, à exegese bíblica e à teologia. Trata-se, pois, de uma parábola, em que, de modo paralelo e complementar, Giuseppe Scarpat viu modo de divulgar os conteúdos por ele estudados com métodos prevalentemente filológicos, mas sempre com um tom inovador e marcados por um indiscutível rigor científico.

O terceiro contributo, de Tullio Stefani, da Escola Diocesana de Música Santa Cecília de Brescia, centra-se sobre a vertente de musicólogo e daí se intitular “Giuseppe Scarpat musicista. *Musicae delectationem ad voluptatem tantum exercens*”. Parte da ligação existente entre a Escola Diocesana de Música Santa Cecília com G. Scarpat, razão pela qual aquela instituição havia organizado um concerto em sua honra no Seminário de Brescia. Aparte a curiosidade de ter sido no Seminário que funcionou inicialmente a sede da editora Paideia, o facto é que o Professor havia deixado à Biblioteca do Seminário um legado de cerca de 8.000 títulos, entre miscelâneas, monografias e separatas; além disso, a sua família viria a legar posteriormente à Escola de Música Santa Cecília a sua biblioteca musical com cerca de 1.600 volumes de música organística, que atesta essa vertente da actividade de Scarpat, e inclui partituras de compositores alemães, italianos, ingleses, e franceses, alguns com apontamentos pessoais; ensaios relacionados com música de órgão; uma recolha de revistas da especialidade e, necessariamente, as publicações da editora Paideia sobre a matéria. Constituem hoje o Fundo Giuseppe Scarpat do Arquivo de Música do Seminário de Brescia. De seguida é apontada a formação teórica e instrumental deste eminente classicista, pelo que se dedica particular atenção ao interesse por ele manifestado na recuperação e reconstituição de órgãos. O primeiro, encontrado em estado de total abandono, foi inicialmente restaurado e colocado na sede da Paideia, ocasionando aí a realização de vários concertos. Pelas suas dimensões e pela possibilidade que apresentava de ser ampliado, para dele se poderem retirar todas as potencialidades que poderia proporcionar, foi depois vendido e instalado na Igreja de Santa Galla, em Roma. Entretanto, com a deslocação do Professor para Parma a fim de leccionar na Universidade desta cidade, e

tendo sido obrigado a permanecer aí boa parte da semana, encarregou-se novamente de mandar construir outro órgão, desta vez de menores dimensões, mediante a recuperação de partes antigas e a introdução de novas. Porém, ao concluir o seu período parmense, esse instrumento acaba também por ser alienado e adquirido pela Escola de Música Santa Cecília. Na sede de Paideia, em lugar do primeiro, foi então construído um terceiro, mais adequado às dimensões do espaço. Com a mudança da sede da editora para Flero, também este instrumento acaba por ser vendido para a Basílica de Saint-Laurent-sur-Sèvre, restando ao Professor, no fim, a prática num singelo órgão electrónico.

A par dessa sua paixão pelos órgãos e pela música organística, em 1960, funda também uma revista especializada na matéria, *Organo*, de que se torna o Director responsável, em colaboração com Renato Lunelli e Luigi Ferdinand. Desempenha, depois, as funções de Presidente do Conselho de Administração do Conservatório de Música de Brescia por dois mandatos, entre 1981 e 1990, incrementando o ensino do cravo e a aquisição de instrumentos preciosos para a respectiva prática.

Este depoimento encerra-se com a enumeração das colecções de Paideia especializadas em assuntos musicais e que incluíam mais de 50 títulos (“Monumenti di Musica Italiana”, subdividida em duas séries, uma dirigida aos cultores de órgão e cravo, e outra, para os de polifonia; as publicações do Centro de Estudos Musicais «G. B. Martini»; a “Biblioteca Classica dell’Organista”; “Dal clavicembalo ao pianoforte”; e “Davidiana. Testi e Studi”) e com um apontamento à actividade de Giuseppe Scarpat enquanto organista litúrgico em Brescia, nas igrejas de San Giovanni e dos Antegnati di San Giuseppe, chegando aqui a fazer até a homilia dominical, bem como na de San Gaetano, onde permaneceu nessa qualidade mais de trinta anos.

Depois dos três testemunhos, insere-se uma «Nota Biográfica» de duas páginas, apenas para precisar as datas que servem de balizas no arco existencial de G. Scarpat, que se desenrolou entre 1920, ano do seu nascimento, e 2008, demarcando-se com precisão o seu percurso académico. Mais de 40 páginas são, por último, dedicadas a enumerar os títulos da produção escrita de sua autoria, divididos por anos.

Sem que se trate de um volume de dimensões consideráveis, é utilíssimo pela apresentação do perfil de Giuseppe Scarpat na sua tripla dimensão de Académico, Editor e Musicólogo, divulgando ao público leitor, supostamente universitário, os trabalhos que produziu e que deixou

como contributo para o avanço do conhecimento na área dos Estudos da Antiguidade Clássica, da Filologia Grega e Semítica, dos Estudos Orientais, da Filosofia, da História Comparada das Religiões, da História da Igreja, da Exegese Bíblica, da Teologia, da Musicologia e, neste âmbito, de modo especial, da Organística.

MANUEL FERRO

APULEIO, Conto de Amor e Psique, introdução, tradução do latim e notas de Delfim Ferreira Leão, Lisboa, Biblioteca Editores Independentes, 2010, 123 pp., ISBN: 978-989-8231-17-8.

Depois da publicação da tradução de *O burro de ouro* de Apuleio (Cotovia, 2007), Delfim Leão deu ao prelo, a partir da edição do texto latino (estabelecido por D.S. Robertson: *Apulée. Les Métamorphoses, II*, Les Belles Lettres, Paris, 2002, 7^a ed.), a tradução do *Conto de Amor e Psique*, parte integrante do referido romance, mas cuja estrutura formal e conteúdo autonomizável da totalidade da obra permitem oferecê-lo ao público de forma independente. A introdução que precede a tradução, em parte comum à introdução apresentada na versão portuguesa do romance de Apuleio, não descarta, no entanto, a relação do Conto com a obra, bem como outros aspectos de relevância para a contextualização do romance na época da sua produção e na cadeia intertextual em que se situa. A opção por incluir o desenvolvimento de um tópico (pp. 11-15), que versa as possíveis relações entre os dois romances da literatura latina (o de Apuleio e o *Satyricon* de Petrónio) e entre o *Burro de Ouro* e o seu modelo de grego (*Lúcio ou o burro*, atribuído a Luciano de Samósata) demonstra bem a preocupação de fornecer ao leitor a tradução do Conto, integrada no contexto do romance e dos elementos centrais que presidem à sua discussão crítica. DFL inclui também, na introdução, os dados biográficos do autor (pp.15-19), tópico que, no tocante a Apuleio, nunca se esgota em uma relação cronológica. Com efeito, se as tendências de uma leitura biografista de *O Burro de ouro* estão hoje desvalorizadas, tal não obsta a que elementos como a relação de Apuleio com a religião isíaca e a sua filiação platónica, no campo da filosofia, a que se junta também o famoso passo em que Lúcio, o protagonista da narrativa, se identifica como ‘madaurense’ ou de Madaura, cidade-natal de Apuleio, têm contribuído para o associar da mensagem do